

PERRENOUD, Philippe. *La pédagogie à l'école des différences*. Paris: ESF éditeur, 1995.

DIFERENÇAS, SIM; DESIGUALDADES, NÃO MAIS

*Nilce da Silva**

Aprender e ensinar exigem conciliação entre o inconciliável: liberdade e rigor, abertura e concentração, estrutura e plasticidade.

PERRENOUD

*Doutoranda da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e da Universidade Paris 13, professora de Sociologia e Metodologia da Pesquisa do Centro Universitário Nove de Julho.

Nos dias de hoje, ser professor é tarefa que nos coloca os mais diferentes tipos de questões. Tantas são as dificuldades encontradas na docência que o “pensar” esta profissão torna-se fonte inesgotável de dúvidas, reflexão e debate.

Longe de estarmos diante de uma profissão que pouco exige, e que tem férias várias vezes ao ano, como muitas vezes somos obrigados a ouvir, nós, professores, independentemente do curso instituição ou grau de ensino em que atuamos, precisamos encontrar um caminho para trilhar de modo que não abandonemos o magistério e ainda consigamos obter prazer ao entrarmos e permanecermos em uma sala de aula.

O sociólogo e antropólogo suíço Philippe Perrenoud, professor da Uni-

versidade de Genebra, apresenta em suas obras uma constante preocupação com o exercício da profissão de professor, trazendo-nos sempre uma visão bastante nítida do que acontece no cotidiano da sala de aula, sobretudo a respeito das diferenças entre os seres humanos. Mantendo aberto o espaço para o debate, traça um possível caminho a ser construído por todos os profissionais que atuam na área da educação e pelos demais agentes envolvidos no processo, enfatizando a mudança de postura por parte do professor, já que considera o docente peça fundamental para fazer do ato de ensinar prática eficaz.

Sendo assim, o conteúdo da obra *La pédagogie à l'école des différences*, objeto desta resenha, é imprescindível para o trabalho docente nos dias de hoje.

Vale a pena ressaltar que a te-

*Pudemos conhecer esta questão bem de perto durante o corrente ano, quando realizamos parte do nosso doutoramento na Universidade Paris 13, com o professor Jean Biarnès, que trabalha na mesma linha de investigação de Perrenoud, porém, na cidade de Paris.

mática de como compreender e evitar o fracasso escolar ganha espaço no mundo político e acadêmico do Velho Continente a partir dos anos 80, quando tais professores (suíços, franceses, suecos, noruegueses...) deparam com o 'outro' - imigrantes das mais diversas partes do mundo, fugidos da miséria, das guerras civis - dentro de suas salas de aula. Assim, a escola que até então "funcionava" começa a questionar-se e a perceber sua pouca tolerância com relação às diferenças*.

Este livro de Perrenoud, apesar de ter sido escrito a partir do contexto europeu, ou mais especificamente suíço, é importante para nós brasileiros, já que a questão das diferenças em sala de aula – sejam de classe, de etnia, de gênero, ou mesmo pessoais – também é nossa preocupação, sobretudo a partir da chamada "democratização" do ensino ocorrida nos anos 70. Foi nessa época, diga-se de passagem, que a escola foi aberta a todos e "ser diferente" também passou a significar ser de grupo social pouco favorecido, condenado quase que inevitavelmente ao fracasso escolar.

Perrenoud, com seu estilo democrático de pensamento sobre as questões da educação, mostra-nos os vários entraves impostos ao professor no cotidiano da sala de aula, e ainda aponta sugestões para minimizá-los ou

superá-los. Ao longo do livro, composto de vários artigos escritos durante os últimos dez anos de docência e pesquisa, a *pedagogia diferenciada* – ou a *pedagogia individualizada* – é apresentada como um possível caminho a ser partilhado e construído pelos docentes.

Segundo o autor, a escola sempre conviveu com as diferenças, utilizando os mais diversos dispositivos: classes formadas pela faixa etária dos alunos, a organização do sistema de ensino por degraus escolares, a existência de classes ou escolas especiais e, ainda, o surgimento de diferentes escolas, cada qual com sua filosofia de trabalho pedagógico.

Esses dispositivos, bem como a frequência das crianças à escola, têm por objetivo curar a "ignorância" comum a todas elas – doença grave segundo a metáfora empregada por Perrenoud. Assim, alunos que tivessem o "dom" para os estudos conseguiriam aprender e livrar-se da temida enfermidade. Já os demais seriam condenados ao fracasso. Dessa forma, a escola tem adotado como prática transformar a diferença entre os alunos em desigualdade, produzindo a exclusão de muitos do sistema escolar.

Todos nós, educadores, sabemos que em uma sala de aula existem diferenças dos mais variados tipos no

corpo discente: de etnias, de gênero, de classe. O modo como lidamos com elas é da maior importância. Neste sentido, podemos contribuir para o fracasso de nossos alunos à medida que lhes dispensamos diferentes formas de tratamento. A atenção que é dedicada a alguns deles e não a outros e o sorriso manifesto para um grupo de alunos e não para a classe toda transformam alguns em candidatos seguros ao sucesso escolar e outros, ao fracasso.

O sociólogo suíço nos coloca a seguinte questão: Como combater esse problema, ou seja, como combater a escola que produz o fracasso?

Segundo este pensador, grandes reformas educacionais seriam dispensáveis. No entanto, a atenção concedida ao trabalho do professor em sala de aula e a possibilidade de que ele altere sua prática constituiriam aspectos fundamentais para a esperada solução.

Sendo assim, o professor, no esforço para dedicar-se a todos os alunos igualmente, inclusive àqueles com os quais tem menos afinidade – os mais agressivos ou os mais ‘diferentes’, por exemplo –, estaria contribuindo para a democratização do saber.

Ainda nessa direção, a figura do professor pode deixar de ser a única fonte de conhecimento em sala de aula. Para tanto, deve ser incentivada

a pesquisa de atividades e situações de aprendizagem que promovam a busca de novas informações.

O aluno, por sua vez, poderá encontrar espaço para se exprimir, encontrar seu lugar no grupo, ser reconhecido pela classe, tendo as relações estimuladas pelos professores neste espaço o objetivo de promover o respeito entre os participantes do grupo.

Além disso, interessar-se pelo progresso dos alunos e acreditar no seu potencial de desenvolvimento passam a ser aspectos importantes para que a ideologia do dom seja combatida e erradicada da sala de aula, bem como para que o entendimento do fracasso escolar como uma fatalidade deixe de fazer parte da concepção docente. A partir deste trabalho, os alunos passarão a resgatar a auto-estima – por vezes tão massacrada nos anos de escolarização – e o professor tornar-se-á animador e mediador e procurará, junto com seu grupo, negociar as ‘regras do jogo’ em sala de aula.

Cabe ainda lembrar que Perrenoud nos alerta para que preservemos nossa imagem diante da classe, ou seja, que evitemos, entre tantas outras atitudes perniciosas, faltas frequentes e injustificadas, atrasos, agressão e violência psicológica, grosserias deliberadas, discriminação sexual, racial. Dito de outro

modo, o clima da aula pode transcorrer sem *stress* e respeitosamente.

Levar em consideração a história de vida de cada aluno é condição inicial e fundamental, ponto de partida para o professor que pretende transformar sua prática pedagógica e torná-la mais eficaz. Isso porque cada aluno abstrai, de maneira particular, aquilo que o professor ensina, pois é dono de uma trajetória de vida singular, ou seja, numa mesma sala, os alunos nunca terão uma mesma aula.

Outro aspecto a ser lembrado é a relação que cada professor estabelece com o conhecimento que ensina, pois cada escola produz o seu próprio meio acadêmico, o que influencia diretamente a prática do professor.

Finalmente, Perrenoud alerta para o fato de o professor precisar destruir o mito de que o fracasso escolar é uma fatalidade. Para tanto, além do que já dissemos, ele necessita realizar tarefas em sala de aula que dêem prazer não só para si mas também para seus alunos; deve recusar uma certa tranqüilidade de espírito, de viver sem 'quebrar a cabeça', e, ainda, fugir dos programas prontos.

Segundo o autor, o sistema de ciclos implantado no ensino francês em 1991, tal qual no Brasil, procurou promover a continuidade da aprendizagem,

gerando caminhos para a individualização do percurso escolar. Porém, ambos deixaram de tocar nos verdadeiros problemas: as aspirações e medos dos professores, e as formas de avaliação da aprendizagem.

Em *La pédagogie à l'école des différences* Perrenoud faz um alerta extremamente importante com relação às tentativas de democratização do ensino propostas pelo movimento "escola nova" e práticas afins. Para ele, professores e professoras que fizeram esta opção pedagógica buscavam uma sociedade mais igualitária. A Pedagogia Nova, porém, afastou-se das classes populares já que propôs o gerenciamento da vida por parte dos alunos; estabeleceu fronteiras/acordos móveis ou ambíguos nas negociações em sala de aula entre professores e alunos; criou uma situação de absoluta ausência de regras de conduta, em que o desvio é visto por meio de um código interpretativo; e, finalmente, a prática da auto-avaliação implantada. Tratava-se de valores típicos da pequena burguesia e não das classes populares.

Assim, os professores adeptos à pedagogia ativa promoveram o fracasso dos alunos que não possuíam iniciativas ou que não tivessem essa compreensão. Justamente os alunos de origem social menos favorecida foram condenados, mais uma vez, ao fracasso escolar.

Em suma, o livro de Perrenoud